

Geopolíticas da destruição: deslocamentos humanos e ambientais

Geopolitics of destruction: human and environmental displacements

Marcio Henrique Bertazi¹

Book Review:

Saskia Sassen. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Traduzido por Angélica Freitas. (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.)

A socióloga holandesa Saskia Sassen traz à tona um ambicioso trabalho no qual apresenta as novas lógicas de expulsão de uma “nova” etapa do capitalismo (o “capitalismo avançado”). Na obra “Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global”, publicada em 2014 e recentemente traduzida pela editora Paz e Terra, a autora mostra como o fenômeno das expulsões de elevado número de pessoas pode coexistir com o crescimento econômico, ao menos na forma como ele tem sido tradicionalmente mensurado. Seu conceito de expulsão exemplifica aquilo que denomina de fenômenos agudos – e incluem-se aqui os ambientais. Também parece produtor seu conceito de “tendências subterrâneas”, difíceis de enxergar com

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia Ambiental da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo.

indicadores geopolíticos, econômicos e sociais, mas plenamente visíveis no meio ambiente. Conclui a autora – e esse parece ser o veio principal da argumentação – que são expulsões deliberadas, causadas.

O ponto de partida de Sassen é a década de oitenta do século passado, na qual duas mudanças teriam sido fundamentais: a transformação material de áreas cada vez maiores do planeta em “zonas extremas para operações econômicas cruciais” (p.17) e a ascensão do setor financeiro na rede de cidades globais. É neste período que ressurgem formas extremas de pobreza e violência no planeta, ao mesmo tempo em que aumenta a escala de destruição da biosfera. Mais do que a formação de elites predatórias, o mundo assiste à gênese de “formações” predatórias, uma combinação das elites e das capacidades sistêmicas do mercado financeiro. Esta mudança, especificamente, é discutida com maior robustez pela autora. O que aproxima o capitalismo tradicional do avançado é o binômio extração-destruição ao passo que a diferença entre ambos deve-se ao fato de no capitalismo avançado a população (quem trabalha e quem consome) ter desempenhado um papel cada vez mais reduzido. Nesta fase a figura do opressor vai se tornando um sistema complexo que “combina pessoas, redes e máquinas, sem ter um centro visível” (p.19-20) e os oprimidos vão sendo cada vez mais expulsos, para a periferia deste sistema.

Um ponto importante é que os aspectos sociais e ambientais negativos dessa reorganização planetária têm avançado mais rápido do que o crescimento da riqueza monetária. Tratando-se de conflitos ecológicos distributivos – herança da teoria da ecologia política, ao que parece – a contração fiscal tem sido mais severa nos países em desenvolvimento, embora a depleção do espaço da economia nos países desenvolvidos também tenha sido verificada (a autora utiliza os exemplos das crises socioeconômicas da Grécia, Espanha e Portugal).

Na construção de sua argumentação, Sassen evidencia uma série de fenômenos que explicam a brutalidade e a complexidade dessa nova economia global, responsáveis diretos nas variadas formas de expulsão. Dentre esses fenômenos, elenca-se: (a) emigração (cujas maiores taxas têm recaído sobre imigrantes europeus e latino-americanos); (b) execuções hipotecárias (para Saskia, das mais brutais formas

de expulsão, inclusive com o aumento do número de suicídios); (c) deslocamentos em massa (países do Sul global abrigam 80% dos refugiados do mundo e o impacto econômico tem sido muito maior nesta parte do planeta). Soma-se o aumento do número de expulsos em razão de desastres ambientais (as mudanças climáticas são tratadas pela socióloga como categoria “guarda-chuva”); (d) encarceramento em massa como estratégia de expulsão (embora utilize dados dos Estados Unidos e Reino Unido majoritariamente); (e) micro-expulsões (que envolvem de pequenos agricultores a cidades inteiras) e, não raro, aumento da toxicidade na terra e água. Importante na compreensão deste fenômeno a ascensão de um “novo” mercado global de terras, a partir de 2006, com rápida expansão geográfica das aquisições estrangeiras, além do aumento da diversidade dos compradores. A maior parte destas aquisições tem se dado no continente africano, embora tenha crescido o movimento na América Latina. Trata-se de um fenômeno derivado do aumento da demanda por cultivos industriais e de alimentos e da conversão da terra em um investimento desejável, inclusive por razões especulativas. Parece fecunda a perspectiva da autora em mostrar que em vários Estados-Nações o território se torna terra (plantações industriais) e a terra se torna morta (mineração).

O capítulo que fecha a obra – “Terra morta, água morta” – mostra que além do processo de mercantilização da terra e da água, há a financeirização das mercadorias resultantes. À geografia da extração combina-se uma verdadeira “geopolítica da destruição”, com o deslocamento de cerca de 800 milhões de pessoas no mundo inteiro. Neste percurso, a autora apresenta estudos de caso – que considera suficiente para suas conclusões – sobre diferentes tipologias de degradação da terra, da água e do ar. Passa, por exemplo, pelo maior complexo de níquel do planeta em Norilsk (Rússia) à contaminação por cromo em Ranipet (Índia), pelos problemas do fraturamento hidráulico, radioatividade, contaminação do lençol freático, mineração, acidentes nucleares e das zonas mortas dos oceanos.

A autora aponta que a principal dinâmica do limite sistêmico apresentado no livro é a expulsão dos diversos sistemas em jogo: econômico, social e biosférico: “O que afirmo aqui é que caímos sob a influência de um conceito perigoso e limitado de

crescimento econômico” (p.253). Apesar desta conclusão não ser propriamente uma novidade, a obra torna visível parte relevante do “espaço dos expulsos”, os momentos pelos quais a expulsão tem se tornado uma regra dessa nova fase do capitalismo. Mais que isso, ao fazer um balanço planetário destes deslocamentos (humanos e biosféricos) – ainda que para isso os exemplos trazidos possam não ser completamente suficientes – a autora mostra a enorme capacidade que o capitalismo adquiriu ao desenvolver complexos (e brutais) sistemas financeiros, não promovendo o desenvolvimento social prometido e expulsando “pedaços da biosfera de seu espaço vital” (p.13).

A história ambiental tem trazido à tona diferentes perspectivas sobre a “destruição” e “devastação” do planeta. Sassen adiciona a “expulsão” como um dispositivo relevante na compreensão das multifacetadas relações com o meio ambiente. A agudização do fenômeno, aumentando a complexidade e a brutalidade do cotidiano, mostra como as políticas ambientais de nosso tempo não têm incorporado suficientemente a natureza como elemento fundamental. A obra possibilita que este complexo sistema originado do capitalismo possa ser olhado por dentro. Uma mirada que torna fecunda a investigação histórica do meio ambiente.